



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O VENDEDOR DE PASSADOS, DE J. EDUARDO AGUALUSA E OS CUS DE JUDAS, DE A. LOBO ANTUNES: IDENTIDADE E MEMÓRIA – POR UMA ANÁLISE LUSO-AFRO-LITERÁRIA

Romilton Batista de Oliveira (autor)

Paulo Assis de A. Guerreiro (orientador)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional

romilton.oliveira@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Pretende-se, a partir da análise comparativa entre as obras *O vendedor de passados* (VP – 2006), do angolano José Eduardo Agualusa e *Os cus de Judas* (2007 – CJ), do português Antônio Lobo Antunes, investigar os processos de *representação e memória*, ressaltando a importância de ambas as obras literárias por serem reconhecidas como romances lusófonos (o termo lusófono é aqui empregado de forma lingüística e literária, entendendo que a partir do uso da língua portuguesa, as obras literárias produzidas por diversos países que falam o português, expandindo sua cultura pelo mundo a fora) e refletindo de uma forma crítica sobre a sangrenta guerra em território angolano, rompendo com o antigo foco forjado por um pensamento cartesiano iluminista de sujeito, trazendo à tona um sujeito estilhaçado e em conflito, um novo sujeito representado mediante as exigências das sociedades dos novos tempos.

Os dois textos têm seus elementos ficcionais situados no fenômeno global de dissolução dos impérios coloniais europeus que se seguiu à Segunda Guerra Mundial e que se configura como um traumático ciclo descolonizador. Tudo se passa em Angola, ex-colônia portuguesa que vive intensas transformações no novo contexto político-



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

histórico-social entre os períodos de guerra e pós-guerra. Assim, esta pesquisa inscreve-se na tendência contemporânea dos estudos literários, no amplo espaço multidisciplinar proporcionada pela *literatura comparada* [LC]. Neste sentido, cabe à LC integrar as culturas dos países que falam a língua portuguesa através da comparação entres as obras literárias produzidas nesses países, para desta forma, dar-se início a um processo de desconstrução paradigmática, fazendo-se necessário analisar conceitos teóricos como *representação* e *memória* em torno da literatura africana e luso-africana.

A partir desta ruptura com o antigo paradigma, leis e políticas públicas são implementadas em diversos países mediante as exigências da *globalização*. Bom seria que não precisássemos de leis para que comportamentos humanos preconceituosos fossem erradicados e os direitos dos negros fossem respeitados, e que isso acontecesse naturalmente a partir da tomada de consciência de toda uma coletividade. Escritores, teóricos e romancistas, entre outros, passam a ressignificar seus discursos, produzindo novas narrativas inseridas nesta nova realidade. As *voces* que foram silenciadas e marginalizadas passam a ocupar o seu espaço no debate acadêmico. Outro aspecto a considerar é que ambos os autores fazem literatura através de um mesmo sistema lingüístico: a língua portuguesa, a partir de um mesmo contexto histórico-colonial angolano.

Esta pesquisa é bibliográfica, e, a partir de teóricos como Tania Carvalhal, Maurice Halbwachs, Beatriz Sarlo, entre outros, pretende-se apresentar as semelhanças e diferenças no tocante a construção de representações, mediadas pela memória, das posições dos narradores e de sua interação com o contexto histórico de guerra em Angola.

Necessário se faz entender que a identidade é, pois, ativamente produzida na e por meio da *representação*: é precisamente o poder que lhe confere seu caráter ativo, produtivo. Em outras palavras, a identidade e a diferença são construídas na e pela representação: não existem fora dela. “Toda narração do passado é uma representação, algo dito no lugar de um fato” (SARLO, 2007, p.93).

Em relação à memória temos as contribuições dos estudos de Maurice Halbwachs (2006), Jacques Le Goff (2003), Ecléa Bosi (1994), Michael Pollak (1992),



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

entre outros, priorizando a definição de memória coletiva como “sucessão dos acontecimentos individuais que resulta de mudanças que ocorrem nas nossas relações com os grupos a que estamos misturados e nas relações que se estabelecem nesses grupos” (HALBWACHS, 2006, p.13). Pela memória, o passado não só vem à tona, misturando-se com as percepções imediatas, como também se ‘desloca’, ocupando o espaço todo da consciência. “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1998, p.47). A constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da *identidade*. Como assinala Pollak (1992), a memória resiste à alteridade e à mudança e é essencial na percepção de si e dos outros. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de comunidade e de coerência – isto é, de *identidade*. As lembranças dos seres humanos continuam permanecendo coletivas e nos são recordadas por outra, ainda que se trate de fatos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que tão somente foram vistos por nós. Conforme Maurice Halbwachs “isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória é um instrumento de poder no qual cresce a história que, por sua vez, a alimenta, procurando salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Conforme Le Goff (2003, p. 471) a memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas, e mais ainda na literatura que, em si, constitui como campo vasto de *intertextualidade*. Pollak (1992), ao caracterizar a relação entre memória e identidade, define que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou social). Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Ele também define a identidade como a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

referente a ela própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida pelos outros da maneira como quer.

Através da literatura comparada pretende-se perceber as marcas da intertextualidade que se faz presente em ambos os textos. Desta forma, partiremos da definição de literatura comparada concebida por Tania Carvalhal que afirma que “os estudos comparados mais recentes incorporam os princípios desenvolvidos pela teoria literária, modificando suas formas de ação” (CARVALHAL, 1986, p.44) e incorporando o que os antigos comparativistas não levavam em consideração, o contexto histórico em que a obra é construída:

É possível compreender que o ‘diálogo’ entre os textos não é um processo tranqüilo nem pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são um local de conflito, que cabe aos estudos comparados investigar numa perspectiva sistemática de leitura intertextual (CARVALHAL, 1986, p. 53).

Assim sendo, esta pesquisa, amparada pelos teóricos que foram mencionados e outros que indiretamente foram consultados no decorrer de seu desenvolvimento, contribuirá para a análise literária que propomos fazer, partindo da seleção das duas obras mencionadas anteriormente e do diálogo entre os estudiosos que debruçam sobre a representação, identidade e memória na construção de um texto dissertativo criativo e coerente. A literatura, desta forma, torna-se lugar de representação de um discurso problematizador, revelador de possibilidades, contradições, rupturas, de construção de identidades e reconstrução de memórias, dando lugar às várias e possíveis representações. Vale ressaltar que esta pesquisa está em fase de desenvolvimento, e faz parte da dissertação do mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

1. A TEIA DOS SIGNIFICADOS ESTABELECIDADA ENTRE AS PERSONAGENS DE AMBOS OS ROMANCES À LUZ DA REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

1.1 O VENDEDOR DE PASSADOS

O protagonista do romance *O Vendedor de Passados* (VP – 2006), Félix Ventura, divide seu grau de importância com outro personagem, apelidado por ele mesmo de Eulálio, a personagem lagartixa que, ao assumir uma dupla função – a de personagem e, concomitantemente, a de narrador da história, acaba exercendo a função de personagem-testemunha ao narrar grande parte da história e, ao mesmo tempo, descreve seus sonhos e sua vida humana passada (sucida em outra encarnação):

Nasci nesta casa e criei-me nela. Nunca saí. Ao entardecer encosto o corpo contra os cristais das janelas e contemplo os céus. [...] A semana passada, Félix Ventura chegou mais cedo e surpreendeu-me a rir enquanto lá fora, no azul revoltado, uma nuvem enorme corria em círculos, como um cão, tentando apagar o fogo que lhe abrasava a cauda. [...] O albino tirou os óculos escuros, guardou-os no bolso interior do casaco, despiu o casaco, lentamente, melancolicamente, e pendurou-o com cuidado nas costas de uma cadeira. Escolheu um disco de vinil e colocou-o no prato do velho gira-discos (AGUALUSA, 2006, p. 3).

Esse narrador que se mantém tão distante, pela sua própria condição, e ao mesmo tempo, tão próximo, em cada brecha, em todos os cantos, na maior intimidade do lar, presenciando de seu recinto as vidas reinventadas na casa. Constatase que a escolha deste personagem como narrador justifica-se pela localização desse tipo de réptil, eles sempre estão pelas paredes das residências, principalmente nos tetos, como se estivessem a nos observar. Esta posição facilita ao narrador descrever o que se passa naquela casa, pois esse é o lugar central onde tudo acontece, e Eulálio, atento a tudo, descreve toda a vida de Félix Ventura e seu ofício de vendedor de passados.

Segundo Baudrillard (1990, p. 131), “estamos em plena orgia de descoberta, de exploração, de ‘invenção’ do Outro. Orgia de diferenças”. Agualusa inscreve-se neste tipo de literatura, a literatura das diferenças, das rupturas, da literatura que muitos a definem como *pós-moderna* por atender às novas exigências da mudança de paradigmas, uma vez que o mundo espelhava-se no paradigma europeu, e várias identidades nacionais viviam à mercê do eurocentrismo dominante.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Uma outra personagem que vem logo após Félix Ventura e Eulálio manifestou-se participante e presente na vida de Félix Ventura, ou seja, José Buchmann, o suposto “Comprador de passados”, aquele que recorre a Félix Ventura para que este lhe venda uma nova identidade, isto é, um passado imaginário que facilite a sua interação social, política e econômica em Angola. E a memória é o fio condutor na construção desta nova representação. Ao rememorar, utilizando-se dos artifícios do imaginário inventivo, esta personagem parte de seu presente.

Entretanto, é do presente – tempo que intercepta o passado e o futuro – que parte o chamado que evoca a lembrança e desencadeia o fino fio da memória. O tempo da memória nada mais é do que o tempo da presença, onde o sujeito se apresenta, e, na rememoração, inventa o seu passado (COUY, 1998, p. 35).

A autora vem confirmar o que realmente pensa esta pesquisa em torno do ponto de partida da memória. Percebe-se nesse romance que as lembranças são construídas a partir do tempo histórico pós-guerra angolano, e na rememoração o passado é reinventado pela personagem Félix Ventura, mas este não perde de vista a realidade que o cerca, criando para seus “compradores de passados” uma construção passadista oriunda da fusão entre realidade e ficção. Segundo Walter Benjamin:

um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura (1994, p. 37).

O argumento do autor nos leva a entender que na realidade o acontecimento vivido é tido como morto e acabado, finito em sua construção. Mas o ato de lembrar, de usar a memória, é infinitamente construído por uma vasta possibilidade subjetiva de sentidos da reminiscência, criando possíveis representações de um passado vivido. O presente não surge no próprio presente, mas, como afirma W. Benjamin, “a presença do passado no presente e o presente que já está lá, prefigurado no passado, ou seja, uma semelhança profunda, mais forte do que o tempo que passa e que esvai sem que possamos segurá-lo (BENJAMIN, 1994, pp. 15-16).

Edmundo Barata dos Reis é a personagem antagonista do romance VP, ex-agente do Ministério da Segurança do Estado. Com a sua chegada à história, o enredo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

passa a modificar o comportamento das personagens envolvidas com o drama. Félix Ventura e Barata dos Reis freqüentaram as aulas do professor Gaspar, eles têm em comum uma experiência vivenciada no passado, quando foram colegas no liceu, e trocam memórias desta época:

Os dois homens abraçaram-se numa alegria sincera. Trocaram memórias. Barata dos Reis, mais velho um bom par de anos do que Félix Ventura, frequentara as aulas do professor Gaspar numa época em que no Liceu Salvador Correia os estudantes negros se contavam pelos dedos de uma mão (AGUALUSA, 2008, p. 158).

A relação da personagem E. Barata dos Reis com Félix Ventura é de suma importância, pois são ligados por uma época em que poucos negros freqüentavam escolas. B. dos Reis preserva suas raízes e sua identidade é revelada através de um indivíduo seguidor dos ideais comunistas marxista-leninista. Porém sem espaço na sociedade, jogado ao relento, ao abandono, vive como “ex-gente”, como bem ele afirma no romance. Sua relação com Buchmann e Ângela Lúcia é completamente diferente da de Félix Ventura, e no capítulo intitulado “O amor, um crime”, ocorre o desfecho da narrativa, em que se descobre que Barata dos Reis foi o responsável, no passado, pela morte da mulher de Buchmann, Marta Martinho, de forma completamente horrenda que, na época estava grávida de Ângela Lúcia, sofrendo muito em suas mãos após o nascimento. Assim sendo, aos poucos as lembranças vão sendo despertadas, como que algo que estava quieto, adormecido, guardado no porão silencioso da memória, e que agora, estava a se manifestar, vindo à tona como uma grande tempestade furiosa, para ajustar e prestar contas que foram deixadas para trás. Os três personagens envolvidos com o massacre estavam frente a frente, e o narrador sabiamente conduzia o discurso recheado de lembranças amargas, não dando voz a Ângela Lúcia que a tudo ouvia em silêncio, silêncio este carregado de lembranças de um passado que parecia estar presente como num passo de mágica. O presente é interrompido por um conflito que nasceu lá no passado, e está prestes a ser resolvido. E é pelo silêncio de Ângela que ele se efetiva, pois, ela, num movimento rápido e eficiente, dar fim à vida do responsável pelos longos dias vividos, carregados de “sombras” do passado: Edmundo Barata dos Reis. Segundo Henri Bergson “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança (Henri Bergson, apud Bosi, 1998, pp. 53). É esta imagem-lembrança que aflorou no momento em que o narrador traz à tona o passado de José Buchmann e o desfecho do enredo.

Jacques Le Goff (2003) comenta em seu livro “História e Memória” acerca do valor da memória coletiva frente às sociedades desenvolvidas e em fase de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção, enfim, a memória como instrumento e objeto de poder. Isto é possível se perceber no romance em análise, pois todos os personagens procuram uma representação capaz de situá-los social, política e historicamente na sociedade em que vivem (angolana), proporcionando-lhes poderes no exercício de sua interação social.

1.2 OS CUS DE JUDAS

O médico, personagem central do romance *Os Cus de Judas* (CJ – 2007) representa o sujeito estilhaçado da contemporaneidade. Sujeito que deve viver a sua vida não como uma realidade única, mas sempre em busca da complementação do sentido de sua existência. A busca por esse sentido é o que faz com que a narrativa tenha nexos, apesar de toda a fragmentação da memória, da história, do discurso e da realidade dessa personagem. O narrador conduz a narrativa, desfraldando, através da memória, os fatos históricos que apresentam um Portugal mergulhado na ditadura de Salazar e a vida dos colonos africanos.

A relação do médico com as outras personagens do romance (o padre, o enfermeiro, o cabo Paulo, o alferes Eleutério, o Ferreira, o diretor do Hospital Militar de Tomar, o general Delgado, o cabo Pereira, o carpinteiro, O Macaco que uma mina assassinou a cinquenta metros do médico, entre tantos outros) é estática, indiferente e sem vínculo afetivo, registrando uma individualidade exacerbada, uma vez que as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

demais personagens também se comportavam da mesma forma, imprimindo a mesma individualidade da personagem protagonista. Assim a memória do narrador se costurava nos trâmites da individualidade:

[...] falando sozinho, cada um conversava sozinho, porque ninguém conseguia conversar com ninguém, o meu sangue no copo do capitão, tomai e bebei ó União Nacional, o corpo do morto crescia no quarto até rebentar as paredes, alastrar pela areia, alcançar a mata em busca do eco do tiro que o tocou, o helicóptero transportou-o para Gago Coutinho como quem varre lixo vergonhoso para debaixo de um tapete, morre-se mais na estrada de Portugal do que na guerra de África... (ANTUNES, 2007, p. 58)

Às terças e sextas-feiras, uma cabo-verdiana que nunca vi., repõe os objetos e os móveis na ordem excessivamente geométrica da solidão, a que a falta de pó confere a impessoalidade asséptica de uma sala de pensos, e pendura no arame da varanda a minha monótona roupa de homem que nenhum soutien alegre de sugestões conjugais (ANTUNES, 2007, pp. 90-91).

A noção de individualidade se fragmenta: o resultado é uma persistente inquietação, medo, angústia, intensificados pelas grandes experiências de miséria que a humanidade vive. O homem só é capaz de se definir quando define o mundo que o cerca, mas este está constantemente fora de si mesmo, e é neste processo de perder-se fora de si que ele se acha, é um “perder-se para se ganhar”, tendo a sua identidade em processo constante de transformação, e este processo é problemático. Essa problematização da personagem, submersa em sua constituição no “desconhecido”, está relacionada com o fato de que a individualidade moderna é formulada nessas obras fragmentariamente, sem condições de auto-sustentação e auto-definição, incapaz de uma experiência de plenitude, inseridos na construção simbólica de um novo homem – o homem que enfrenta uma crise de representação, e que não mais acredita em suas antigas representações, representações de uma sociedade portuguesa repleta de costumes sem mais nenhum sentido para ele.

De certa forma, o personagem-narrador protagonista apresenta-se como parte integrante não dos que vivem às margens – os colonizados, os angolanos – mas dos que querem impor o processo de colonização, os colonizadores, os portugueses, os dominadores. Ele representa o seu povo, a parte que está em Portugal dando continuidade às suas vidas, e a parte que está na guerra, afastando-se como ele, da velha



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

concepção de “ser português” através do “desconhecido mundo africano”. O médico deixa isso bem evidente no romance:

O que fizeram de meu povo, O que fizeram de nós aqui sentados à espera nesta paisagem sem mar, presos por três de arame farpado numa terra que nos não pertence, a morrer de paludismo e de balas cujo percurso silvado se aparenta a um nervo de nylon que vibra, alimentados por colunas aleatórias cuja chegada depende de constantes acidentes de percurso, de emboscadas e de minas, lutando contra um inimigo invisível, contra os dias que não sucedem... (ANTUNES, 2008, pp. 54-55).

O personagem-narrador protagonista ao descrever os horrores da guerra, reflete sobre a falta de coerência da mesma, pois, geralmente quando se luta, luta-se por um ideal, e ele não encontrava razão nenhuma para uma guerra que acontecia tendo em vista um “inimigo invisível”, o nada. Desta forma, podemos perceber a relação do personagem com um discurso crítico acerca da colonização, reconhecendo que só foi possível realmente entender este processo de colonização porque esteve presente diretamente na guerra, presenciando os seus horrores, tendo que se deslocar de seu território de origem (Portugal) para uma terra longínqua (Angola). Sentiu-se *desterritorializado* do por duas vezes: quando estava em território angolano, e quando retornou a Portugal. No primeiro momento ele passou por uma suposta rejeição a terra africana, pois ela era muito diferente tanto geográfica como culturalmente falando. No segundo momento, após três anos convivendo com os horrores da guerra, adquire uma nova concepção acerca do homem e do mundo, entrando numa suposta crise de representação concernente à sua cultura portuguesa.

A experiência que o médico tem com a guerra torna-se a responsável pela *desconstrução* de seus valores culturais, formando um novo homem, não o “homem” em que suas tias e a sociedade burguesa portuguesa esperavam que o transformasse, um herói de sua pátria, mas um homem marcado pela memória de uma guerra que continuava em sua mente, presente em forma de *lembrança-imagens* vivas, um homem desumanizado, desfamiliarizado, promovendo uma dolorida ruptura, um *choque*. E, certamente, é a partir deste choque que o personagem-protagonista alcança a “liberdade”, o “vôo” que tão poucos homens conhecem na sociedade, o prazer de experimentar e vivenciar o real em seu estado de construção que essa guerra foi capaz



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de lhe proporcionar. Kátia Muricy, excelente intérprete do pensamento benjaminiano, afirma que:

A experiência, que se constitui “menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória, do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem na memória”, está ligada aos traços mnêmicos. Sua atrofia no mundo moderno decorre de um estado de alerta da percepção às múltiplas e constantes possibilidades de choques que nele existem (MURICY, 2009, pp. 205-206).

A autora, ao marcar seu posicionamento concernente às experiências traumáticas, expressa que a modernidade contemporânea tem produzido múltiplas e constantes possibilidades de choques. A experiência que o médico tivera com a guerra foi traumática e, certamente, propiciou-lhe passar por um *choque* capaz de lhe dar um novo rumo na vida, e de olhar com outros olhos aquilo que, no passado, não enxergava com clareza. É exatamente, a partir deste choque, que uma nova *representação* se forma em seu mundo interior, oriundo de fragmentos de memórias de uma experiência.

O médico vai realmente compreender o seu país, estando fora dele. É em Angola, em plena guerra, exercendo a função de médico que ele “redescobre” o seu país, e paralelamente, descobre-se. Ele descreve uma Angola destruída pela guerra, constituída de pessoas inertes que se calam diante do sofrimento, um povo subserviente, “calado”, que se silenciam diante dos problemas, um povo passivo, acomodado e servil. É assim que ele *identifica* o povo angolano. E, neste mesmo prisma de análise crítica, ele descreve Portugal como um país endividado, constituído de políticos corruptos e de uma cultura tradicional imposta pela burguesia conservadora. O médico assim confirma:

Os políticos de Lisboa surgiam-me como fantoches criminosos ou imbecis defendendo interesses que não eram os meus e que cada vez menos o seriam, [...] As Terras do Fim do Mundo eram a extrema solidão e a extrema miséria, governadas por chefes de posto alcoólicos e cúpidos a tiritarem de paludismo nas suas casas vazias, reinando sobre um povo conformado, sentado à porta das cubatas numa indiferença vegetal (ANTUNES, 2008, pp. 111 e 119).

[...] sou um homem de um país estreito e velho, de uma cidade afogada de casas que se multiplicam e reflectem umas às outras nas fronteiras de azulejo e nos ovais dos lagos, e a ilusão de espaço que aqui conheço [...] (ANTUNES, 2007, p. 31).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Percebemos, desta forma, que o espaço é determinante nesta sua transformação ou aquisição de uma crise de representação, crise esta que é desencadeada através dos fragmentos de lembranças que a sua memória, ancorada no passado, retém.

Certamente muito do que o médico lembra através de sua *memória individual* está circunscrita numa *memória coletiva*, pois muito do que ele presenciou foi também presenciado por outros atores sociais envolvidos. Podemos afirmar que toda memória individual é nascida de uma memória coletiva. Conforme Maurice Halbwachs

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (2006, p.30).

O autor ao afirmar que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros” confirma a idéia mais referencial que esta pesquisa tem em torno da memória, ou seja, a memória só se constrói através da interação de dois ou mais sujeitos envolvidos, numa dimensão histórica e social. Machado (1995, p. 141), intérprete de Mikhail Bakhtin, afirma: “A entidade épica se desagrega na medida em que o homem aparente entra em choque com o homem interior, a dimensão subjetiva do homem torna-se objeto de experiência e de representação”. A literatura, como instrumento de poder e construção do conhecimento, torna-se um vasto campo de investigação deste processo envolvente e complexo que é a representação da memória num diálogo interdisciplinar constante com outras áreas do conhecimento, aumentando cada vez mais seu espaço de atuação na mudança e construção de um mundo pluralizado por sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, como um veículo libertário por excelência, torna-se assim um canal para o registro das turbulências e angústias dessa mestiçagem que ocorre entre os dois momentos históricos e culturais confrontantes: o antes e o depois da colonização. Esse



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

espaço ínfimo na longa linha de uma civilização em que um povo perde momentaneamente as certezas, pois já não é mais o que fora, e procura formar uma nova identidade em que possam ancorar e legitimar-se enquanto nação, necessitando, desta forma, imaginar um passado que venha dar respaldo ao presente, um passado simbólico, inventado, como bem faz a personagem Félix Ventura (“o vendedor, ou mesmo ‘traficante’ de passados”), no romance *O vendedor de passados*, do angolano José Eduardo Agualusa.

Já na obra *Os cus de Judas*, do português A. Lobo Antunes, a história é, portanto, reconstituída pela personagem após seu retorno a Lisboa de Angola, ao fim da guerra. Esse médico militar que agora tece suas recordações conviveu com a morte, o desespero e a solidão daquela realidade em que se matou e morreu sem mesmo saber a razão. As reflexões que faz na narrativa são amargas e insanas, revelando um homem que perdeu uma parte de si nessa terrível experiência, e adquiriu para sempre, uma parte muito valiosa para a construção de seu novo ser, em sua nova representação.

Suas lembranças são pessoais, mas construídas na dependência de uma memória coletiva. O narrador sabe que outros indivíduos que da guerra fizeram parte também levaram consigo memórias fragmentadas. ”De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Com o que aqui fica dito, parece-nos estarem apuradas algumas pistas de desvendamento quanto às relações entre memória, história e literatura, principalmente na ficção de António Lobo Antunes – se admitirmos que *Os Cus de Judas* pode traduzir coordenadas literárias gerais na obra do autor. A escrita da memória potencia a ação do narrador e da personagem, adensando-os no que de humano têm – que é tudo, ou quase tudo – em movimento sublime de encontro total: a memória do narrador ou da personagem é, ontologicamente, tão impalpável quanto a do leitor – porque este é também historiógrafo individual e gerador nato de ficções, e é, sem dúvida, aquele que vai fazer a obra atingir seus objetivos, através de sua interação com a mesma.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Enfim, sucedeu com as personagens dos romances ora citados, o que Machado (1995, p. 141), intérprete de Mikhail Bakhtin, afirma: “A entidade épica se desagrega na medida em que o homem aparente entra em choque com o homem interior, a dimensão subjetiva do homem torna-se objeto de experiência e de representação”. Desta forma, podemos neste primeiro momento de pesquisa que, certamente, terá continuidade através de outras leituras, elucidar a problemática da construção de representações através da memória, entendendo que os narradores de ambos os romances narram histórias de personagens que possivelmente entraram em choque com o homem interior que é construído em cada um, numa dimensão subjetiva, tornando-se objeto de experiência e de representação para a literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006.

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa : Relógio d'Água, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet – 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. MEC/FNDE – Companhia das Letras. Ed. Schwarcz, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo : Ática, 1986.

COUY, Venus. **Babel**: ensaio sobre literatura e memória. Belo Horizonte: Edição da autora, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. 5. Ed. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2003.

MACHADO, Irene A. **O romance e a voz**: A prosaica dialógica de M. Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago Ed., São Paulo: FAPESP, 1995.

MURICY, Kátia. **Alegorias da dialética**: imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: NAU, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**, Vol. 02, nº 03. Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina